

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE "LÍBIDO" PORQUE NUNCA LHE EXPLICARAM OU



ENSINARAM ERRADO

Cesar Tólmi - Filósofo, psicanalista, arte-terapeuta, jornalista, pós-graduando em Neurociência Clínica, escritor e idealizador da Neuropsiquiatria Analítica, integrada aos campos clínico, forense, jurídico e social.

E-mail: cesartolmi.contato@gmail.com

Canal no Youtube: <https://youtube.com/@SALAVIRTUAL.CesarTolmi>

Grupo de estudos em Neuropsiquiatria Analítica no Facebook:
https://www.facebook.com/groups/7345963448764068/?ref=share_group_link

Resumo:

Infelizmente, ainda se entende erradamente o conceito "lívido", coisa que os antigos filósofos, principalmente os estóicos, chamavam de "hormé", do que derivou "hormônio", "hormônios", que, em biologia, refere-se às substâncias vinculadas ao comportamento. O erro do conceito "lívido", que se impregnou na Psicanálise, decorre, principalmente, do fato de Freud ter fixado-se mais no aspecto sexual. Mas, "libido", palavra que derivou do Latim LIBIDUS, que tem, por sua vez, raiz em LIBERE, que se traduz "liberar", "agradar", no sentido de "gratificação", ou mais propriamente "ter satisfeita uma vontade, pulsão ou tendência", refere-se, exatamente, a um "anseio", à "vontade intensa", ou "impulso ou pulsão em direção a um objeto ou objetivo", e tem, como mais importante característica, a "mobilidade", a "alternância entre áreas de atenção ou foco". Santo Agostinho foi _segundo se sabe_ o primeiro a distinguir três tipos de "foco libidinal", os quais são: "libido sciendi", que refere-se ao desejo de conhecimento, "libido sentiendi", que é o desejo sensual em sentido amplo, e "libido dominendi", que refere-se ao "desejo de dominar". Ou seja, "lívido" ou, segundo os tais filósofos gregos, "hormé", que se traduz, literalmente, "ímpeto", "força", é "pulsão natural" _mais propriamente um "conjunto pulsional", como explicarei melhor posteriormente_ existente não só no ser humano, mais em toda a Natureza, que "faz um ente se direcionar a outro", isto é, que "gera a relação sujeito/objeto". A sexualidade é apenas um aspecto ou característica do que foi chamado de "lívido".

Tendo em vista que as ciências diretamente ligadas à neurotransmissão tem avançado cada vez mais em suas pesquisas, desde as descobertas das células que compõem a arquitetura cerebral, dos impulsos nervosos, da neurotransmissão propriamente dita, até as estruturas sinápticas no todo _e "o todo", aqui, deve ser entendido como "o todo que, até então, pudemos conhecer"_ a questão do que, a partir de Freud, se convenceu chamar de "lívido", deve ser colocada um tanto "em suspenso", para observar de maneira mais dedicada. O próprio Freud, em não poucas vezes, sobre praticamente todas as suas teorias, disse que eram o que estava sendo feito diante das lacunas científicas, constituindo-de como uma espécie de luz, ainda que, talvez, fraca, na tentativa de iluminar um pouco mais o caminho para o entendimento das questões relacionadas ao comportamento humano.

É importante observarmos que, muito possivelmente, o conceito freudiano de "lívido" teve seu nascedouro em Epicuro, em Aristipo de Cirene, que foi discípulo de Sócrates e nos Estóicos citados no início deste artigo. Digo tal coisa porque há uma base conceitual muito estreita entre o que Freud desenvolveu em sua teoria da "lívido" e as ideias desses filósofos, como *hedoné* (o prazer somático) _que Epicuro via um tanto diferente de Aristipo_ e porque Freud estudou filosofia com certa intensidade.

O presente artigo destina-se a adequar a teoria de Freud sobre "lívido" às mais recentes descobertas científicas no campo da Neurociência, utilizando, como "fio condutor", a recente disciplina chamada Neurofilosofia e a Filosofia propriamente dita, no que refere-se a sua característica principal, que é o raciocínio crítico desenvolvido sob os princípios da Lógica, além de estimular profissionais terapeutas e docentes em Psicanálise, Psicologia e áreas afins, a pesquisarem com mais dedicação e imparcialidade.

Summary:

Unfortunately, the concept of "libido" is still misunderstood, something that ancient philosophers, especially the Stoics, called "hormé", from which derived "hormone", "hormones", which, in biology, refers to substances linked to behavior. The error of the "libido" concept, which was impregnated in Psychoanalysis, stems mainly from the fact that Freud focused more on the sexual aspect. However, "libido", a word derived from the Latin LIBIDUS, which, in turn, has its roots in LIBERE, which translates as "to release", "to please", in the sense of "gratification", or more properly "having satisfied a will, drive or tendency", refers precisely to a "craving", to "intense will", or "impulse or drive towards an object or objective", and has, as its most important characteristic, "mobility", the "alternating between areas of attention or focus". Saint Augustine was _as is known_ the first to distinguish three types of "libidinal focus", which are: "libido sciendi", which refers to the desire for knowledge, "libido sentiendi", which is the sensual desire in the broadest sense, and "libido dominendi", which refers to the "desire to dominate". That is, "libido" or, according to the Greek philosophers, "hormé", which literally translates to "impetus", "strength", is a "natural drive" _more properly a "drive set", as I will explain better later_ existing not only in human beings, but in all of Nature, which "makes one being direct itself to another", that is, which "generates the subject/object relationship". Sexuality is just one aspect or characteristic of what has been called "libido".

Bearing in mind that the sciences directly linked to neurotransmission have advanced more and more in their research, from the discoveries of the cells that make up the cerebral architecture, of the nervous impulses, of the neurotransmission itself, to the synaptic structures as a whole _and "the whole", here, must be understood as "the whole that, until then, we have been able to know"_ the question of what, starting from Freud, it was convinced to call "libido", must be put somewhat "on hold", to observe in detail more dedicated way. Freud himself, not a few times, about practically all his theories, said that they were what was being done in the face of scientific gaps, constituting a kind of light, albeit, perhaps, weak, in an attempt to illuminate a little further the way to the understanding of issues related to human behavior.

It is important to note that, quite possibly, the Freudian concept of "libido" had its origin in Epicurus, in Aristippus of Cyrene, who was a disciple of Socrates, and in the Stoics mentioned at the beginning of this article. I say this because there is a very narrow conceptual basis between what Freud developed in his theory of "libido" and the ideas of these philosophers, such as hedoné (somatic pleasure) _which Epicurus saw somewhat differently from Aristippus_ and because Freud studied philosophy with a certain intensity.

The present article aims at adapting Freud's theory on "libido" to the most recent scientific discoveries in the field of Neuroscience, using, as a "guideline", the recent discipline called Neurophilosophy and Philosophy itself, with regard to its main feature, which is the critical reasoning developed under the principles of Logic, in addition to stimulating professional therapists and teachers in Psychoanalysis, Psychology and similar areas, to research with more dedication and impartiality.

Resumen:

Desafortunadamente, el concepto de "libido" todavía es mal entendido, algo que los filósofos antiguos, especialmente los estoicos, llamaron "hormé", de donde derivan "hormona", "hormonas", que, en biología, se refiere a sustancias vinculadas al comportamiento. El error del concepto de "libido", que quedó impregnado en el Psicoanálisis, proviene principalmente de que Freud se centró más en el aspecto sexual. Sin embargo, "libido", palabra derivada del latín LIBIDUS, que, a su vez, tiene sus raíces en LIBERE, que se traduce como "liberar", "complacer", en el sentido de "gratificación", o más propiamente "haber satisfecho una voluntad, pulsión o tendencia", se refiere precisamente a un "craving", a una "voluntad intensa", o "impulso o impulso hacia un objeto u objetivo", y tiene como característica más importante la "movilidad", la "alternando entre áreas de atención o enfoque". San Agustín fue _como se sabe_ el primero en distinguir tres tipos de "foco libidinal", que son: "libido sciendi", que se refiere al deseo de conocimiento, "libido sentiendi", que es el deseo sensual en el sentido más amplio, y "libido dominendi", que se refiere al "deseo de dominar". Es decir, "libido" o, según aquellos filósofos griegos, "hormé", que literalmente se traduce como "ímpetu", "fuerza", es una "pulsión natural" _más propiamente un "conjunto de pulsiones", como explicaré mejor más adelante_ existente no sólo en los seres humanos, sino en toda la Naturaleza, que "hace que un ser se dirija a otro", es decir, que "genera la relación sujeto/objeto". La sexualidad es sólo un aspecto o característica de lo que se ha denominado "libido".

Teniendo en cuenta que las ciencias directamente ligadas a la neurotransmisión han avanzado cada vez más en sus investigaciones, desde los descubrimientos de las células que componen la arquitectura cerebral, de los impulsos nerviosos, de la propia neurotransmisión, hasta las estructuras sinápticas en su conjunto _y "el todo", aquí, debe entenderse como "el todo que, hasta entonces, hemos podido conocer"_ la cuestión de lo que, a partir de Freud, se convenció

de llamar "libido", debe plantearse un tanto "en espera", para observar en detalle de manera más dedicada. El mismo Freud, en no pocas ocasiones, sobre la práctica totalidad de sus teorías, dijo que eran lo que se estaba haciendo frente a los vacíos científicos, constituyendo una especie de luz, aunque, quizás, débil, en un intento de iluminar un poco avanzar en el camino hacia la comprensión de cuestiones relacionadas con el comportamiento humano.

e la "libido" y las ideas de estos filósofos, como la hedoné (placer somático) _que Epicuro vio algo diferente a Aristipo_ y porque Freud estudió la filosofía con una cierta intensidad.

El presente artículo pretende adecuar la teoría freudiana sobre la "libido" a los más recientes descubrimientos científicos en el campo de las Neurociencias, utilizando como "pauta" la reciente disciplina denominada Neurofilosofía y la Filosofía misma, en cuanto a su característica principal, que es el razonamiento crítico desarrollado bajo los principios de la Lógica, además de estimular a los profesionales terapeutas y docentes en Psicoanálisis, Psicología y áreas afines, a investigar con mayor dedicación e imparcialidad.

Résumé:

Malheureusement, la notion de "libido" est encore mal comprise, ce que les anciens philosophes, notamment les stoïciens, appelaient "hormé", d'où dérivent "hormone", "hormones", qui, en biologie, désigne des substances liées au comportement. L'erreur du concept de « libido », qui a imprégné la psychanalyse, vient principalement du fait que Freud s'est davantage focalisé sur l'aspect sexuel. Cependant, "libido", un mot dérivé du latin LIBIDUS, qui, à son tour, a ses racines dans LIBERE, qui se traduit par "libérer", "plaire", dans le sens de "gratification", ou plus correctement "avoir satisfait une volonté, une pulsion ou une tendance", se réfère précisément à une "envie", à une "volonté intense", ou à une "impulsion ou pulsion vers un objet ou un objectif", et a, comme caractéristique la plus importante, la "mobilité", la "alternant entre les domaines d'attention ou de concentration". Saint Augustin a été _comme on le sait_ le premier à distinguer trois types de "focalisation libidinale", qui sont : la "libido sciendi", qui renvoie au désir de connaissance, la "libido sentiendi", qui est le désir sensuel au sens le plus large, et « libido dominendi », qui renvoie au « désir de dominer ». C'est-à-dire que la "libido" ou, selon ces philosophes grecs, "hormé", qui se traduit littéralement par "élan", "force", est une "pulsion naturelle" _plus exactement une "pulsion", comme je l'expliquerai mieux plus tard_ existant non seulement dans les êtres humains, mais dans toute la Nature, qui « fait qu'un être se dirige vers un autre », c'est-à-dire qui « engendre la relation sujet/objet ». La sexualité n'est qu'un aspect ou une caractéristique de ce qu'on a appelé la "libido".

Sachant que les sciences directement liées à la neurotransmission ont de plus en plus avancé dans leurs recherches, depuis les découvertes des cellules qui composent l'architecture cérébrale, des influx nerveux, de la neurotransmission elle-même, jusqu'aux structures synaptiques dans leur ensemble _et "le tout", ici, doit s'entendre comme "le tout que, jusqu'alors, nous avons pu connaître"_ la question de ce que, à partir de Freud, il était convaincu d'appeler "libido", doit être quelque peu posée" en attente", à observer en détail de manière plus dédiée. Freud lui-même, à de nombreuses reprises, à propos de pratiquement toutes ses théories, a dit qu'elles étaient ce qui se faisait face aux lacunes scientifiques, constituant une sorte de lumière, quoique peut-être faible, dans une tentative d'éclairer un peu approfondir la voie vers la compréhension des questions liées au comportement humain.

Il est important de noter que, très probablement, le concept freudien de « libido » a son origine chez Épicure, chez Aristippe de Cyrène, qui était un disciple de Socrate, et chez les stoïciens mentionnés au début de cet article. Je dis cela parce qu'il y a une base conceptuelle très étroite entre ce que Freud a développé dans sa théorie de la "libido" et les idées de ces philosophes, comme l'hédoné (plaisir somatique) _qu'Épicure voyait un peu différemment d'Aristippe_ et parce que Freud a étudié la philosophie avec une certaine intensité.

Le présent article vise à adapter la théorie de Freud sur la "libido" aux découvertes scientifiques les plus récentes dans le domaine des neurosciences, en utilisant, comme "ligne directrice", la discipline récente appelée neurophilosophie et philosophie elle-même, en ce qui concerne sa principale caractéristique, qui est le raisonnement critique développé selon les principes de la logique, en plus de stimuler les thérapeutes professionnels et les enseignants en psychanalyse, psychologie et domaines similaires, à rechercher avec plus de dévouement et d'impartialité.

Palavras-chave:

Lívido, Psicanálise, Neurociência, Filosofia, hormônio, ataraxia, hedonismo.

Key words:

Libido, Psychoanalysis, Neuroscience, Philosophy, hormone, ataraxia, hedonism.

Palabras clave:

Libido, Psicoanálisis, Neurociencia, Filosofía, hormona, ataraxia, hedonismo.

Mots clés:

Libido, Psychanalyse, Neurosciences, Philosophie, hormone, ataraxie, hédonisme.

1 Etimologia de "lívido" e considerações filosóficas

Infelizmente, ainda se entende erradamente o conceito "lívido", coisa que os antigos filósofos, principalmente os estóicos, chamavam de "hormé", do que derivou "hormônio", "hormônios", que, em biologia, refere-se às substâncias vinculadas ao comportamento. O erro do conceito "lívido", que se impregnou na Psicanálise, decorre, principalmente, do fato de Freud ter fixado-se mais no aspecto sexual. Mas, "libido", palavra que derivou do Latim LIBIDUS, que tem, por sua vez, raiz em LIBERE, que se traduz "liberar", "agradar", no sentido de "gratificação", ou mais propriamente "ter satisfeita uma vontade, pulsão ou tendência", refere-se, exatamente, a um "anseio", à "vontade intensa", ou "impulso ou pulsão em direção a um objeto ou objetivo", e tem, como mais importante característica, a "mobilidade", a "alternância entre áreas de atenção ou foco". Santo Agostinho foi _segundo se sabe_ o primeiro a distinguir três tipos de "foco libidinal", os quais são: "libido sciendi", que refere-se ao desejo de conhecimento, "libido sentiendi", que é o desejo sensual em sentido amplo, e "libido dominendi", que refere-se ao "desejo de dominar". Ou seja, "lívido" ou, segundo os tais filósofos gregos, "hormé", que se traduz, literalmente, "ímpeto", "força", é "pulsão natural" _mais propriamente um "conjunto pulsional", como explicarei melhor posteriormente_ existente não só no ser humano, mais em toda a Natureza, que "faz um ente se direcionar a outro", ou seja, que "gera a relação sujeito/objeto". A sexualidade é apenas um aspecto ou característica do que foi chamado de "lívido".

2 Considerações sobre tradução em relação ao conceito de "lívido" e o posicionamento de Jung sobre o referido conceito

Jung buscou definir "lívido" como "força ou energia psíquica", para tirar o peso sexual dado por Freud, pois Freud realmente fixou "lívido" à sexualidade, que _segundo ele_ tem início no que chamou de "fase oral", desenvolvendo-se nas demais fases, por ele classificadas.

Freud utilizou, por vezes, *instinkt*, palavra em Alemão para "instinto", referindo-se à "impulso" ou "pulsão", e em outras, *trieb*, também em Alemão, que se traduz "empurrar", "impulsionar", do verbo *trieben*, cuja tradução é "ação", "impedir".

3 A incoerência de classificações numeráveis sobre "lívido"

A PhD Sandra Pertot, psicóloga clínica e terapeuta sexual, enumera "lívido" da seguinte maneira:

- 1- Compulsiva;
- 2- Desconectada;
- 3- Desinteressada;
- 4- Estressada;
- 5- "Por direito";
- 6- Reativa;
- 7- Viciosa;
- 8- Dependente;
- 9- Erótica;
- 10- Sensual.

Essa e qualquer classificação numérica sobre "lívido" é, simplesmente, ilógica e, conseqüentemente, inútil, visto que, "lívido", sendo "pulsão", que pode ser "liberada em diferentes direções e com intensidade variável", e por vez "reprimida completamente em relação a uma direção ou mais", não há, para ela, "tipos numeráveis"; "lívido _no que refere-se ao ser humano_ atua em todo e qualquer comportamento, e nada tem a ver com uma "específica e hipotética substância" imaginada por Freud, mas trata-se de um "conjunto ou contexto hormonal", inerente à vida, isto é, ao organismo, que, como já apontamos aqui, pode ter, separadamente, diminuição ou aumento, conforme a relação que a pessoa tem com o meio.

4 Questões neurofisiológicas relacionadas à "lívido" e os conceitos de "herança bio-genética" e "herança psico-genética" da Neuropsiquiatria Analítica

Podemos dizer que Freud intuiu, por exemplo, a testosterona, descoberta em 1935, e a endorfina, isolada em 1974, que é liberada pelo hipotálamo e pela glândula pituitária em

resposta à dor ou ao estresse, sendo uma das substâncias de um grupo de peptídicos que alivia a dor e gera a sensação de prazer ou de bem-estar. Mas, tais hormônios, sozinhos, não constituem o que podemos chamar de "lívido". Lívido é _em última análise_ a integração hormonal, ou "resultado dessa integração, em maior ou menor grau, na relação do organismo com o meio, o que faz que, a intensidade e durabilidade da intensidade, seja bem diferente em cada pessoa, desde o aspecto sexual aos demais. A diferença se dá pelo que chamo de "herança bio-genética" (hereditariedade referente às funções orgânicas) e "herança psico-genética" (hereditariedade referente às tendências psíquicas, isto é, uma "base genética" para a "estrutura de significados" que se desenvolverá ao longo da vida, o que não deixa de ter, obviamente, fatores fisiológicos, visto que, tudo, se passa no organismo). À isso se une, exatamente, o meio, a "estrutura de significados" que vai sendo constituída mediante às relações, às vivências.

Tendo em vista que as ciências diretamente ligadas à neurotransmissão tem avançado cada vez mais em suas pesquisas, desde as descobertas das células que compõem a arquitetura cerebral, dos impulsos nervosos, da neurotransmissão propriamente dita, até as estruturas sinápticas no todo _e "o todo", aqui, deve ser entendido como "o todo que, até então, pudemos conhecer"_ a questão do que, a partir de Freud, se convenceu chamar de "lívido", deve ser colocada um tanto "em suspenso", para observar de maneira mais dedicada. O próprio Freud, em não poucas vezes, sobre praticamente todas as suas teorias, disse que eram o que estava sendo feito diante das lacunas científicas, constituindo-de como uma espécie de luz, ainda que, talvez, fraca, na tentativa de iluminar um pouco mais o caminho para o entendimento das questões relacionadas ao comportamento humano.

5 A possível relação de Freud com a Filosofia para a teoria da "lívido"

É importante observarmos que, muito possivelmente, o conceito freudiano de "lívido" teve seu nascedouro em Epicuro, em Aristipo de Cirene, que foi discípulo de Sócrates e nos Estóicos citados no início deste artigo. Digo tal coisa porque há uma base conceitual muito estreita entre o que Freud desenvolveu em sua teoria da "lívido" e as ideias desses filósofos, como *hedoné* (o prazer somático) _que Epicuro via um tanto diferente de Aristipo_ e porque Freud estudou filosofia com certa intensidade. Mas correspondências de Freud quando jovem, o encontramos relatando ter lido Feuerbach, Strauss, Aristóteles, Stuart Mill e que relatando ter assistido aos cursos de Brentano (1838 - 1917), filósofo e psicólogo alemão, fundador da Psicologia do Ato. Sob a influência deste último, inclusive, ele pensou seriamente em se inscrever para Doutorado em Filosofia, coisa que, porém, não chegou a se realizar. No entanto, Freud criou uma revista de Filosofia _o que reforça o que coloquei acima_ com seus dois amigos, Joseph Paneth, que conheceu Nietzsche pessoalmente, e Sigfried Lipiner, que foi reconhecido pelo próprio

Nietzsche como discípulo. Tal revista durou apenas alguns meses, mas esse curto período é o bastante para demonstrar, hoje, a importância que a Filosofia teve na vida de Sigmund Freud. Não posso conceber alguém capaz de fundar uma revista que trate de um assunto que não seja de seu mais profundo interesse.

Para ampliar o entendimento sobre a base conceitual estreita entre "a teoria da libido de Freud" e as ideias relacionadas ao "hedoné" (prazer somático), farei um resumo de *hedoné*, destacando a diferença entre a maneira de Aristipo de Cirene ver essa questão e a maneira de Epicuro a ver.

Aristipo de Cirene (435 a.C. - 356 a.C.) foi o maior representante do hedonismo, até que Epicuro, assimilando o conceito, adaptou-o à sua maneira de viver e de entender a vida. Epicuro (342 ou 341 a. C. - 271 ou 270 a. C.), ajustando o conceito do *prazer* como fundamento da vida humana, adaptou-o ao de *ataraxia* (ausência de inquietude, de sofrimento; é o "estado de tranquilidade", de "impertubabilidade". Demócrito utilizou essa expressão ao dizer: "A felicidade é prazer, bem-estar, harmonia, simetria e ataraxia". Epicuro tomou *ataraxia* como *télos* (finalidade da ação), concebendo, assim, um "estado prazeroso enquanto ausência de sofrimento". Para Aristipo de Cirene, por sua vez, não havia a possibilidade de "ausência de dor corresponder ao prazer", visto que, como ele entendia a existência, prazer e dor só são possíveis "enquanto movimentos, ora suaves, ora impactantes e abrupto, estando relacionados de modo estrito às sensações. Diógenes Laércio, observando esse posicionamento, afirmou que, para os cirenaicos, em oposição aos epicureus, a ausência de dor assemelhava-se à condição da pessoa em sono profundo".

Uma similaridade com o conceito de "prazer atarácico", no que refere-se à teoria de Freud, encontra-se em seu registro sobre o conceito de Fehner, da "tendência à estabilidade". Claro que, embora Freud tenha lido bastante sobre filosofia, tal influência se deu diretamente de Fehner, de quem também podemos perceber que derivou o conceito de Freud sobre a "pulsão de morte", considerando que, antes de Freud, Fehner considerou a "oscilação unitária", chamando de "prazer-desprazer". Freud refere-se à própria teoria citando Fehner, demonstrando a influência deste: "O princípio de prazer se deriva do princípio de *constância*; na realidade, o princípio de constância foi deduzido dos fatos que nos obrigaram a aceitar a hipótese do princípio de prazer. Ao aprofundarmos a discussão, também descobriremos que esse empenho do aparelho psíquico, por nós presumido, subordina-se, como caso especial, ao *princípio fechneriano da tendência à estabilidade*, com o qual esse pesquisador relacionou as sensações de prazer-desprazer. Porém, então precisaremos dizer que na verdade é incorreto falar de um domínio do princípio de prazer sobre o fluxo dos processos psíquicos. Se tal domínio existisse, a esmagadora maioria de nossos processos psíquicos teria de ser

acompanhada de prazer ou levar a ele, enquanto a experiência mais geral contradiz energicamente essa conclusão.". Nesta parte, última, Freud considera que, provavelmente, a predominância não é pela "busca do prazer", mas da "estabilidade" _em face da oscilação "prazer-desprazer"_ que se assemelha ao "prazer atarácico" de Epicuro.

Ainda há mais a dizer sobre o tema "lívido". Porém, considero que o presente artigo atendeu ao que nele foi proposto. Espero que o mesmo inspire outros a irem além no estudo do referido tema, pois o "engessamento teórico" sobre os rudimentos das teorias psicanalíticas tem sido extremamente prejudicial às práticas terapêuticas. Infelizmente os profissionais de terapia são muito apegados aos rudimentos, aos "primeiros passos" dados por Freud, Jung e outros, e quando ousam "pensar fora da caixa" fazem como a referida PhD, tentando inovar, criando "tipos", "expressões", para o que é uma e mesma coisa.

6 Correção do conceito freudiano, conclusão do que é "lívido" e considerações finais

Para resumir o tema "lívido", podemos dizer que: "Lívido é 'a pulsão de vida, que constitui-se do contexto hormonal, que encontra saída ou possibilidade de manifestar-se de diversas maneiras e com diferente intensidade, internamente e externamente, isto é, fisiologicamente (no e para o organismo) e psico-fisiologicamente (na e pela relação do organismo e o meio, da pessoa e a sociedade), vinculada ao prazer, à dor e à aversão ou repulsa".

O aspecto principal que precisa ser corrigido na teoria de Freud, referente à "lívido" é o de sua origem: não se iniciou na fase oral, mediante a amamentação. Hoje temos tecnologias que mostram-nos o feto, bem desenvolvido, "sugando os próprios dedinhos, ora das mãozinhas, ora dos pezinhos", fazendo-nos saber que, no ventre materno, já há "experiência de prazer", e é fácil entender que, se há "experiência de prazer", também há de "dor e aversão ou repulsa". Faz-se necessário entender lívido como os antigos filósofos entendiam, chamando de "hormé", e como os avanços científicos de nosso tempo nos mostram. "Lívido" não é algo que "começa" com o desenvolvimento do "Eu" ou "Ego". Aliás, o próprio "Eu" se desenvolve "a partir da lívido", que, na realidade, "envolve toda nossa anato-fisiologia", as celulares e átomos ou partículas subatômicas componentes do óvulo e do espermatozóide. A vida resulta do "hormé" ou "lívido". Ao menos é até este ponto, de entendimento, que a nossa _ou a minha capacidade cognitiva_ me permite chegar. Fato é, que o melhor entendimento sobre "lívido" só acontece quando se estuda o contexto, que inclui conceitos psicanalíticos, filosóficos e científicos, pois a Psicanálise, sozinha, não pode dar resposta satisfatória, visto ter sido desenvolvida em um período de poucas possibilidades científicas e de tecnologia de suporte. Freud e outros não deram-nos "olhos" e muito menos definiram-nos os "caminhos"; deram-nos, porém,

"poderosas lanternas", e é decepcionante constatar que quase não se utiliza as "lanternas" para "enxergar além...".

Referências:

Freud, S. (2006). Além do princípio de prazer. In L. A. Hanns (Ed. e Trad.). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente (Vol. 2, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).

FREUD, S. (1905). Trois essais sur la théorie de la sexualité. Paris, Gallimard, 1987.

Freud, S. (2004). Pulsões e destinos da pulsão. In L. A. Hanns (Ed. e Trad.) Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente (Vol. 1, pp. 133-173.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

HANNS, Luiz Alberto. Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LOPEZ SANTOS, Rogério. O prazer (hedoné) como fim (télos) da ação e como fonte de perturbação da mente segundo Epicuro.

DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v31n61a2017-p475a490>

Jones, Ernest. A vida e a obra de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.